

mindy mejia

TUDO QUE VOCÊ  
QUISER  
QUE EU  
SEJA

tradução de  
waldéa barcellos

ROCCO

FUGIR FOI UM SACO.

Ali estava eu, bem no lugar com que tinha sonhado acordada tantas vezes na aula de Matemática, diante do painel de partidas no aeroporto de Mineápolis, e todos os detalhes eram exatamente como eu tinha visualizado. Estava usando meu traje de viagem – legging preta, sapatilhas e um suéter creme, grande demais, que engolia minhas mãos e fazia meu pescoço parecer ainda mais comprido e magro do que já era. Eu estava com minha bonita mala de couro e tinha na bolsa dinheiro suficiente para pegar um voo para qualquer lugar que tivesse imaginado. Eu podia ir a qualquer lugar. Podia fazer qualquer coisa. Por que, então, estava me sentindo tão acuada?

Tinha saído de fininho de casa às três da manhã, deixando na mesa da cozinha um bilhete que dizia simplesmente “Volto mais tarde. Com amor, Hattie”. É claro que mais tarde significava qualquer hora depois de agora. Dez anos mais tarde, quem sabe? Eu não sabia. Podia ser que nunca parasse de doer. Podia ser que eu nunca sentisse que havia chegado a uma distância suficiente. A parte que dizia “Com amor, Hattie” era um pouco forçada. Minha família não era do tipo de deixar bilhetes carinhosos jogados pela casa; mas, mesmo que suspeitassem de alguma coisa estranha, nunca, nem em um milhão de anos, eles iam imaginar que eu estava pegando um voo para tão longe.

Eu praticamente podia ouvir a voz de mamãe. *Hattie não faz esse tipo de coisa. Pelo amor de Deus, só faltam dois meses para ela se formar, e ela vai ser Lady Macbeth na peça da escola. Eu sei como ela anda empolgada com isso.*

Enxotei de mim a voz imaginária e voltei a ler os destinos dos voos, na esperança de sentir pelo menos um pouco da euforia que eu tinha imaginado que sentiria quando por fim escapasse de Pine Valley. Eu só tinha viajado de avião uma vez, quando fomos visitar parentes em Phoenix. Eu me lembrava de que havia um monte de botões e luzes na minha poltrona e de que o banheiro parecia uma espaçonave. Eu queria pedir alguma coisa do carrinho de lanches, mas mamãe tinha rolinhos de frutas desidratadas na bolsa e era só isso o que havia para comer, além dos amendoins, e nem mesmo esses eu consegui. Greg sabia que eu não gostava de amendoins e pegou os meus. Só que fiquei com raiva pelo resto da viagem, porque eu tinha quase certeza de que teria gostado dos amendoins do avião. Isso foi há oito anos.

Hoje seria meu segundo voo, rumo à minha segunda vida.

E eu não estaria parada aqui, me sentindo impotente e infeliz, se tivesse conseguido lugar em qualquer um dos voos para La Guardia ou JFK. Era esse o problema com o impulso de decidir fugir de casa na véspera da Páscoa. O aeroporto parecia uma *Black Friday*, e as filas para check-in se estendiam até a calçada da área de embarque. O primeiro voo disponível para Nova York era às 6:00 da manhã de segunda-feira, e eu não podia ficar esperando esse tempo todo. Precisava sair do estado hoje.

Eu poderia pegar um voo para Chicago, mas parecia perto demais. Meio-Oeste demais. Puxa, por que não podia haver um lugar para Nova York? Eu sabia exatamente que transporte pegar de um aeroporto ou de outro, exatamente em que albergue eu ia ficar, quanto ia custar e como se chegava à estação de metrô mais próxima. Tinha passado horas na internet, aprendendo de cor como era a cidade de Nova York, tanto tempo que minha impressão era a de que eu já havia me mudado para lá. E eu supunha que era para lá que estava indo quando saí de casa naquela madrugada. Agora eu estava empacada, olhando para aquela droga de painel de partidas, em busca de algum destino alternativo. Se eu não podia ir direto para Nova York,

pelo menos precisava chegar mais perto de lá. Havia um voo para Boston às 2:20. Boston ficava a que distância de Nova York?

Mesmo sabendo que era tolice, eu não parava de olhar de relance para as portas, vendo a enxurrada de gente que invadia o aeroporto com suas montanhas de bagagens, chaves, carteiras, passagens, tudo bagunçado nas mãos. Ninguém estava vindo ali para me impedir de viajar. Ninguém nem mesmo sabia onde eu estava. E, mesmo que soubessem, será que alguém realmente se importava? Com exceção de meus pais, ninguém neste mundo me amava o suficiente para se dar ao trabalho de irromper por aquelas portas, berrando meu nome, desesperado para me encontrar antes que eu me fosse.

Tentei não chorar quando fui ao balcão do voo para Boston. Uma funcionária bronzeada, excessivamente empertigada, disse que restava um lugar na classe econômica.

– Fico com ele.

Custava US\$ 760,00, que era mais do que eu já havia gastado em qualquer coisa, fora meu computador. Entreguei-lhe minha carteira de motorista e oito cédulas novinhas de cem dólares, tiradas do envelope horrível que deu início a tudo isso. Restavam duas cédulas. Fiquei olhando para elas, tão pequenas e solitárias naquele grande espaço branco. Eu não conseguia enfiá-las na minha carteira. Tinha trabalhado para ganhar cada centavo na minha carteira e não queria que meu dinheiro sequer entrasse em contato com o conteúdo desse envelope. Perdida em mais uma onda de depressão, eu não devo ter ouvido o que a mulher disse em seguida.

– Senhorita? – Ela estava se debruçando na minha direção, no esforço óbvio de atrair minha atenção.

Agora havia um homem com ela, e os dois olhavam fixamente para mim como naquele sonho em que o professor está lhe fazendo perguntas, e você nem mesmo sabia que tinha um dever de casa.

– Por que você está indo a Boston hoje? – perguntou o homem, olhando para minha mala pequena.

– Para ir à festa do chá. – Achei a resposta bem espirituosa, mas nenhum dos dois riu.

– Você tem algum outro documento de identidade?

Remexi na minha bolsa e saquei minha identidade de estudante. Ele olhou para ela e depois para o computador.

– Seus pais sabem onde você está?

Isso me deu uma pontinha de pânico, mesmo sabendo que, em termos legais, eu era adulta. Algumas histórias me ocorreram. Eu podia dizer que meus pais já estavam em Boston à minha espera; ou talvez só meu pai. Ele tinha se separado da minha mãe e me mandou o dinheiro na última hora para eu ir passar a Páscoa com ele. Ou poderia seguir direto pelo caminho da órfã. Mas as lágrimas me impediram. A emoção trancou minha garganta, e eu soube que não conseguiria representar bem o papel. Não agora que eles já estavam desconfiados. Por isso, preferi deixar que a emoção dominasse.

– Por que vocês não cuidam da própria vida? – Cliente indignada. O aeroporto parecia um bom palco para isso.

As pessoas atrás de mim pararam de resmungar e começaram a assistir ao espetáculo.

– Olhe, srta. Hoffman, há certos protocolos que devemos seguir para compras de passagens em dinheiro, para o mesmo dia, especialmente quando se trata de bilhetes só de ida. Devo lhe pedir que venha comigo enquanto resolvemos tudo isso.

Nem morta eu ia ficar trancada em alguma sala do Departamento de Segurança Nacional enquanto ele ligava para meus pais e tornava esse dia dez mil vezes pior. E se eles conseguissem descobrir quem sacou o dinheiro do envelope? Será que tinham como saber isso? Estendi a mão por cima do balcão e peguei de volta as cédulas e minhas identidades.

– Se é assim, podem ficar com a passagem e enfiar naquele lugar.

– Devo chamar a segurança? – A mulher, que abandonara totalmente sua pose, apanhou o telefone e começou a discar, sem esperar pela resposta.

– Não se incomode. Estou caindo fora. Está vendo? – Peguei a bolsa e enxuguei os olhos com o dorso do punho em que tinha amassado todo o dinheiro numa bola suarenta.

– Por que não se acalma, srta. Hoffman, e nós...

– Por que *voce* não se acalma? – Interrompi o cara com um olhar de ódio. – Não sou terrorista. Pena que você não queira meus oitocentos dólares pela merda dessa passagem pra Boston.

Alguém na fila deu vivas, mas, enquanto eu ia embora, rolando minha mala, as pessoas em sua maioria simplesmente ficaram olhando espantadas, provavelmente tentando descobrir que tipo de bomba eu ia levar às escondidas para dentro do avião. *Tem louco pra tudo, Velma. Cutucadas. Você não desconfiaria dela de modo algum, não é mesmo?*

Corri para o estacionamento e não faço ideia de como cheguei à caminhonete, nem como paguei ao encarregado, tamanha era minha confusão. Meu coração batia com violência. Eu olhava para trás a cada segundo, na paranoia de que algum segurança estivesse me perseguindo. E depois, assim que entrei na autoestrada, os soluços começaram. Quase bati numa minivan, de tanto que minhas mãos tremiam. Foi só depois de uma meia hora que percebi que estava voltando para Pine Valley. As Cidades Gêmeas já haviam desaparecido, e campos em pousio se estendiam até onde minha vista alcançava.

Era isso o que acontecia quando você se permitia precisar de alguém.

Era nesse monte de merda que você se transformava quando se apaixonava.

Eu estava tão feliz – tão livre e inatingível – quando comecei o último ano do ensino médio no outono passado! Aquela Hattie estava pronta para conquistar o mundo, e ela o teria conquistado, sim. Ela poderia ter feito qualquer coisa que quisesse. E agora eu era essa panaca que soluçava de dar pena. Eu tinha me tornado a garota que sempre detestei.

De repente, o rádio parou, e as luzes no painel começaram a tremeluzir. Droga. Entrei em pânico enquanto outros carros passavam

por mim voando. Ao avistar uma saída mais à frente, dei uma guinada para entrar numa estrada de cascalho que separava dois campos, desacelerei e deixei que a caminhonete fosse parando em ponto morto. Quando passei para *park*, o motor engasgou e morreu de uma vez. Experimentei virar a chave. Nada. Eu estava parada num fim de mundo, sem ter como sair dali.

Deitei-me de um lado a outro do banco e solucei naquele tecido áspero até precisar vomitar. Saí trôpega da caminhonete para a vala da beira da estrada e vomitei só café e ácido estomacal.

Um vento fresco que vinha em rajadas pelos campos secou a transpiração que tinha brotado na minha testa e ajudou a náusea a passar. Fui me arrastando para longe do vômito e me sentei na beira da vala, deixando que a terra encharcada esfriasse minha calça e minha roupa de baixo.

Fiquei ali muito tempo, tanto que já não sentia o frio. Tanto que as lágrimas cessaram, e alguma outra coisa começou.

Eu estava totalmente só, a não ser pelos carros que passavam pela autoestrada, e me dei conta de que – pela primeira vez de que me lembrasse – não queria estar em nenhum outro lugar na Terra. Não queria estar presa numa poltrona apertada de avião, voando para uma cidade desconhecida, sem ter aonde ir depois que o avião pousasse. Não queria estar no palco com os refletores acesos e o teatro lotado assistindo a cada movimento meu. Não queria estar deitada sozinha na cama, enquanto mamãe preparava algum jantar que eu não ia suportar comer. Havia alguma coisa reconfortante no vazio da região ao meu redor, os campos nus contornados por árvores desfolhadas e trechos de neve renitente.

Ninguém sabia que eu estava ali. De repente, esse fato era maravilhoso. Eu podia ter dito isso minha vida inteira a todas as pessoas que cheguei a conhecer – *Ninguém sabe que estou aqui* – e elas teriam rido, revirado os olhos e me dado um tapinha nas costas. *Caramba*, elas diriam, mas era verdade. Eu tinha passado a vida inteira representando papéis, sendo qualquer coisa que elas quisessem que eu fosse,

concentrada em todos à minha volta, enquanto por dentro eu sempre tinha tido a sensação de estar sentada exatamente neste lugar: enroscada no meio de uma pradaria morta, infinita, sem nenhuma criatura neste mundo a me fazer companhia. Agora que eu estava ali, tudo fazia sentido. Tudo se encaixava, como acontece nos filmes quando a heroína percebe que está apaixonada pelo cara idiota, ou que pode realizar seus sonhos de oprimida, típicos dos americanos; a música aumenta e ela sai andando de algum aposento qualquer, de um jeito determinado. Foi exatamente assim, só que sem a trilha sonora. Eu ainda estava sentada numa vala no meio do nada, mas por dentro tudo de repente mudou.

Ouvi de novo a voz da minha mãe. Lembrei-me do que ela disse na noite anterior, quando eu estava ocupada demais chorando no seu ombro para prestar atenção ou entender.

*Para com o teatro, amorzinho, ela disse. Você não pode passar a vida inteira representando para os outros. Os outros vão simplesmente se aproveitar. Você precisa se conhecer e descobrir o que quer. Eu não posso fazer isso por você. Ninguém pode.*

Eu sabia exatamente quem eu era – talvez pela primeira vez na vida – e exatamente o que eu queria e o que precisava fazer para conseguir o que queria. Foi uma clareza. Como acordar de um sonho em que você achava que as coisas eram reais e então sentir o mundo real entrar em foco ao seu redor. Eu me levantei – pronta para largar para sempre essa garota chorona, de dar pena. Já vai tarde.

A velha câmera de vídeo de Gerald estava enfiada no alto da minha mala. Eu a tirei dali e a montei na traseira da picape, acionando o botão de gravação com uma fita nova e me posicionando bem no centro, diante da lente.

– OK, oi. – Enxuguei os olhos, respirando fundo até o diafragma, como Gerald me ensinou. – Essa sou eu agora. Eu me chamo Henrietta Sue Hoffman.

E, quando eu tivesse terminado meu assunto com Pine Valley, ninguém jamais iria se esquecer de quem eu era.